

Previdência e IPEN produzirão juntos hormônio do crescimento

SÃO PAULO (O GLOBO) — Produzido pelo Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN) da Universidade de São Paulo desde 1979, o hormônio do crescimento é o único medicamento eficaz para o tratamento de nanismo provocado por insuficiência da hipófise.

A demanda, no entanto, supera a produção e por isso o IPEN anunciou na semana passada, através de seu superintendente, Hernani Amorin, que pretende assinar convênio com a Central de Medicamentos (Ceme) do Ministério da Previdência para aumentar a fabricação de cem para 300 doses mensais, o que permitirá também reduzir a importação, da Suécia, de produto similar.

CIENTISTA

Responsável pela pesquisa e produção do hormônio do crescimento, o bioquímico italiano Paolo Bartolini disse que o aumento da produção depende de diversos fatores. Ele explicou que, embora tenha sido dominada a tecnologia, há uma grande dificuldade em conseguir matéria-prima — hipófises retiradas de cadáveres recentes, de pessoas não afetadas por determinadas moléstias e que, antes do falecimento, por si ou através de parentes, tenham expressamente

manifestado concordar com a retirada da glândula.

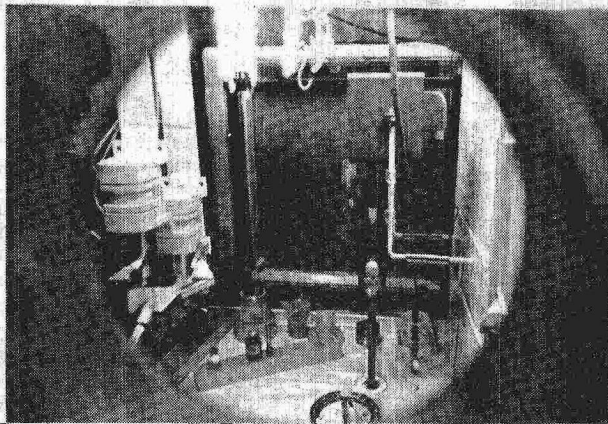
Outro problema apontado por Bartolini é o equipamento. O Centro de Aplicação de Radionuclídeos à Biologia, do IPEN, onde é produzido o medicamento, dispõe de um aparelho de liofilização com capacidade para processar apenas 70 frascos por vez, em sua fase final.

CONVÊNIO

O cientista espera que a assinatura do convênio com a CEME reverta em mais verbas para a produção do hormônio do crescimento, projeto que nos últimos dois anos, “não recebeu praticamente nada”. Desenvolvendo a pesquisa com outros três cientistas, Bartolini afirma fazer um trabalho “quase artesanal” para chegar a produzir o medicamento.

Na verdade, o problema destes cientistas extrapola suas pesquisas para chegar ao controle da tecnologia, descoberta em 1963, na Suécia.

Nada disso, no entanto, chega a desestimular o trabalho de Bartolini, que em 1975 foi chamado ao Brasil para trabalhar na fase final de produção do hormônio do crescimento. As pesquisas haviam sido iniciadas por volta de 1970 e o cientista revela que o sucesso de seu



Laboratório de processamento no IPEN

trabalho resulta de opções feitas anteriormente.

— Quando comecei a participar da pesquisa, já havia sido escolhido o método sueco “Roos”, que consiste no congelamento das hipófises a menos 20 graus centígrados, que me parece ser o mais correto para nossas condições — disse Bartolini, explicando que, em Brasília, o hormônio do crescimento é produzido pelo método acetoneado, de conservação das hipófises com acetona.

TESTES

Após experiências com cobaias em 1977 começaram os primeiros testes em pacientes

humanos. Um trabalho científico, publicado na revista Hospital das Clínicas em outubro de 1977, revelava que a utilização do hormônio do crescimento durante um ano por dois irmãos, de 27 e 28 anos, apresentara resultados positivos. Um deles aumentou sua estatura de 108,7 cm para 115,2 cm e, o outro, de 123,5 cm para 134,0 cm. A primeira parte do tratamento foi feita com o produto importado da Suécia (Crescormon) e a segunda, com o do IPEN (Somatomon).

Embora pessoas mais velhas sejam beneficiadas com o uso do medicamento, Paolo Bartolini explicou que, tendo em vis-

ta sua escassez, a produção é reservada para os mais jovens.

— O hormônio é indicado para pessoas na faixa dos quatro aos 18 anos, com problemas de crescimento. Elas devem tomar três doses por semana, via intramuscular, durante quatro a cinco anos — disse o cientista.

PACIENTE

A escassez do medicamento tem sido o principal problema de Cibele Forjaz, de 14 anos, hoje com 134,5 cm de altura, e que aos dois anos apresentou uma efetiva deficiência de crescimento. Quando Cibele estava com seis anos, o médico Armando de Aguiar Puppou suspeitou que ela poderia sofrer de nanismo hipofisário, confirmando o diagnóstico, com uma série de exames. Cibele tomou algumas doses do hormônio de crescimento mas somente três anos depois, quando media 107,0 cm, conseguiu tomar o medicamento com frequência embora não na dosagem ideal.

— Quando tomo o remédio, cresço, mas assim que paro não consigo aumentar um centímetro — conta Cibele, lamentando que, em 1979, o Inamps tenha suspenso o fornecimento do medicamento “por considerar que havia casos mais graves”.